

ARTE, POLÍTICA E CRÍTICA

o caso Lima Barreto

Josias de Paula Jr.

Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRPE

Doutor em Sociologia pela UFPB

TEM-SE POR ASSENTADA A CONVICÇÃO SEGUNDO a qual a obra do escritor Lima Barreto não gozou do julgamento adequado – e, por conseguinte, do reconhecimento que lhe seria devido – em razão de preconceito. Mulato e pobre, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, a despeito de seus méritos, não conseguiu romper as barreiras sociais que o distanciavam da crítica, o que impossibilitou a sua literatura de receber a atenção merecida, e que lhe fossem desveladas as sutilezas artísticas e estéticas.

Nos últimos anos, contudo, Lima Barreto tem-se tornado praticamente uma unanimidade, no que se caracterizaria como um movimento de sentido inverso ao de sua primeira recepção. Curiosamente, porém, os elementos mais ressaltados nesse novo acolhimento da obra barretiana são justamente aqueles que o teriam impelido à marginalidade literária, a uma espécie de desterro no território das letras: a sua condição de negro e pobre.

Talvez seja o momento de buscarmos, de uma vez por todas, superar, no âmbito da crítica, os componentes *raça* e *classe social* como fatores ou de denegação imediata ou de aceitação automática no que concerne ao trabalho de Lima Barreto: chegar a uma posição de equilíbrio, não se restringindo apenas ao seu condicionamento social, do contrário se detendo e esmiuçando suas qualidades e fragilidades literárias; fazendo-lhe, enfim, justiça, uma vez que aquilo que sempre almejou foi uma análise séria e honesta dos seus livros.

Afinal, o que Lima Barreto pensava acerca do papel da crítica, seja como seu paciente, seja como seu agente? Tentaremos dar não só uma resposta a essa pergunta, como também, à medida que lidemos com tal tema, lançar luz sobre os motivos que explicam sua recepção quando em vida, no calor da hora, além de apontar qual reconfiguração das ideias e da cultura explica sua ressignificação nos últimos anos.

Podemos começar por indagar se todo e qualquer negro era rechaçado no contexto em que viveu o autor de *Os Bruzudangas*. A resposta, claro, tem de ser negativa. Apesar do maciço preconceito racial que então vigorava, foi possível a alguns negros e mulatos se destacarem nas letras, podendo ser lembradas as figuras de Luiz Gama, José do Patrocínio, Machado de Assis. Talvez um exemplo que convenha ser ressaltado seja o do poeta B. Lopes, mulato de origem humilde, cuja poesia simples, coloquial, alçou-o ao posto de um dos poetas mais populares de seu tempo¹. É necessário, assim, escrutinar individualmente o porquê de cada percurso, os malogros e os sucessos, a glória ou o esquecimento. Façamos isso em relação a Lima Barreto.

ESTREIA E AFRONTA AO “ENGENHOSO APARELHO DE APARIÇÕES E ECLIPSES”

Há dois fatores, a nosso ver, que foram determinantes para a primeira recepção barretiana, para além de sua negritude e de sua classe social. O primeiro concerne ao caráter do seu primeiro romance, *Recordações do escrivo Isaías Caminha*. Um romance *à clef* – com personagens facilmente identificáveis na

realidade, portador de um contundente ataque à lógica da imprensa em geral, e contra o jornal mais poderoso da época em particular, o *Correio da Manhã*². Some-se que o amplo julgamento depreciativo contido na trama romanesca incluía uma descrição acerba daquilo que Lima Barreto cria ser a prática corrente da crítica literária produzida nos jornais, responsável direta pela fortuna ou infortúnio dos autores³.

Numa quadra em que os jornais e revistas tinham papel central na fixação de uma carreira literária (CASTELLO; CANDIDO, 1974, p. 89-94), o gesto de Lima Barreto foi, no mínimo, temerário. Apesar de não corresponder plenamente à verdade a afirmação de que a estreia passou sob o signo do ocultamento, sem que recebesse qualquer apreciação, é fato que o acolhimento e a repercussão do *Isaías Caminha* foram decisivamente prejudicados pela virulência do ataque que desferira. No *Correio da Manhã*, ainda no ano de 1965, perdurava o veto ao escritor de *Clara dos Anjos*: “Nos meus tempos de *Correio da Manhã*, havia uma lista [negra] que incluía, entre outros, Hélio Fernandes e – pasmem – Lima Barreto, o romancista

1 Que não se diga que somos ignorantes ao caráter fundante do preconceito contra negros e mestiços no Brasil. Pelo contrário, somos bastante conscientes da discriminação como uma barreira, um empecilho muita vez intransponível na vida do indivíduo. Entretanto, apenas corroboramos a observação de muitos (Cf. BOSI, 2010), de acordo com a qual a segunda metade do século XIX viu a ascensão de negros no cenário social. Por outro lado, basta a referência ao artigo de Maria Alice Rezende de Carvalho (2017), entre tantos outros possíveis, para se ter a dimensão do drama, não raro vivenciado como um martírio, que atravessou a existência de pessoas como Cruz e Sousa.

2 Note-se que Lima Barreto trabalhou para o *Correio da Manhã*, o que certamente fez repontar nas pessoas atingidas por sua crítica a sensação de terem sido “traídas”; o antigo colaborador haveria se aproveitado de sua proximidade e intimidade com os bastidores da empresa, com a finalidade de eviscerá-la em praça pública.

3 Discorrendo sobre a imprensa, “a mais tirânica manifestação do capitalismo”, Isaías Caminha, a certa altura, lamenta sua capacidade de manipular as massas, produzindo falsos ídolos, silenciando verdadeiros talentos: “E como eles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis, gênios; de gênios, imbecis; trabalham para a seleção de mediocridades [...]” (BARRETO, 2010, p. 163-164).

falecido em 1922” (MARTHA, 2000, p. 65)⁴. Evidentemente, como não deixou de assinalar seu maior biógrafo até aqui, Francisco de Assis Barbosa, os outros grandes jornais se retraíram ante o novato⁵.

Na verdade, a operação que envolve o sentido da publicação do seu primeiro romance explicita uma infeliz contradição, e talvez mesmo incoerência, em Lima Barreto. Ao tempo de lançá-lo, em 1909, o autor dispunha de dois livros escritos, na gaveta. O já referido (e escolhido) *Isaías Caminha* e o *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, cuja publicação só se daria em 1919. A escolha pelo primeiro, como confessado pelo próprio autor, fez-se justamente pelo seu tom polêmico, estridente⁶. Queria Lima Barreto chamar atenção, atrair o foco sobre si, ser comentado, lido e, mesmo, insultado. *Almejava, enfim, a notoriedade, mesmo* – como enfatizado na nota precedente – *que para isso rebaixasse o caráter artístico, a composição equilibrada de sua obra estreante*. Contudo, como coadunar tal desejo com o menosprezo aberto contra a crítica e a imprensa manifestado por ele?

Os primeiros capítulos do romance foram publicados ainda em 1907, numa revista organizada por ele e alguns companheiros, a Floreal. A publicação era

“um manifesto libertário arrogante que se coloca declaradamente fora das instituições do sistema, sabendo que está se dirigindo a um público desfavorável [...]. Floreal é um protesto contra a crítica dos grandes jornais, judicativa e consagradora” (RIEDEL, 2009, p. 312). Aliás, na “Apresentação” da revista, em seu primeiro número, de autoria de Lima Barreto, é dito de maneira crua o ânimo que movia seus idealizadores, suas concepções quanto ao processo editorial, o círculo literário, os mecanismos de legitimação e visibilidade. E aquilo que é dito não poupa as instituições centrais do campo literário, incluindo autores, crítica e imprensa.

A revista buscava escapar dos “mandarinatos literários” e emergiu pela consciência e convicção de seus editores da necessidade de se publicarem, de se fazerem lidos, contudo sem pagar o preço da bajulação, da concessão etc.

Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal. Pouca gente sabe também que o nosso jornal atual é a coisa mais ininteligente que se possa imaginar (BARRETO, 1907, p. 5).

Ele prossegue reforçando a impossibilidade e a inconveniência de se transigir com os donos da literatura, com tudo aquilo que compunha o *establishment*:

4 Entrevista com Sérgio Augusto na Revista Pasquim, em 1973.

5 “O espírito de *coterie* fez o resto. Os demais jornais também receberam de pé atrás o livro inconveniente e atrevido, onde tantas figuras ilustres e respeitáveis – algumas delas, diga-se de passagem, falsamente ilustres e falsamente respeitáveis – eram retratadas ao vivo, quase sem nenhum disfarce” (BARBOSA, 1975, p. 174).

6 Numa carta destinada a Gonzaga Duque em fevereiro de 1909, assim se expressa nosso autor: “Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandeí as *Recordações do escrivo* *Isaías Caminha*, um livro *desigual, propositalmente malfeito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito dele para escandalizar e desagradar...*” (BARRETO apud BARBOSA, 1975, p. 162, grifos nossos).

Demais, para se chegar a eles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se atingir as suas colunas, somos outros, perdemos a pouca novidade que trazíamos, para nos fazermos iguais a todo o mundo. Nós não queremos isso. Burros ou inteligentes, geniais ou mediocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo (BARRETO, 1907, p. 6).

Em outras palavras, o que estamos sustentando é que a opção pelo confronto radical com a poderosa maquinaria dos jornais – sua crítica e seus críticos – foi um fato fundamental para lhe sonegar maior atenção, avaliação; para que ele não tivesse, enfim, sua obra judiciosa e cuidadosamente refletida e explicada. Seu primeiro e polêmico romance marcará a face de sua trajetória “como um gilvaz a testa de um esgrimista do século XVII” (BARBOSA, 1975, p. 182). Apenas um exemplo servirá para ilustrar a má vontade de parte da imprensa que o perseguirá ao longo dos anos. Em 1916, tempo depois da publicação do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto anota em seu diário:

Os jornais que não noticiaram absolutamente o aparecimento do meu segundo livro foram: o *Correio da Manhã* e a *Tribuna*, do Rio de Janeiro. No *Correio* sou excomungado; e é justo. Na *Tribuna*, não sei por que, tanto mais que o mandei para o Lindolfo Cólór [sic] (BARRETO, 1998, p. 127-128).⁷

O ESSENCIAL E A TÚNICA DE NESSUS: O PARADOXO DA LITERATURA EM LIMA BARRETO

A visão que Lima Barreto possuía da arte, mais especificamente da literatura, era a de uma atividade missionária, um sacerdócio (seguindo aqui Thomas Carlyle). Consequência dessa concepção é sua afirmação repetida várias vezes de que empreendia uma “literatura militante”. O fazer literatura não significava um gesto gratuito, uma ação como qualquer outra. Daí sua negação drástica, completa, de qualquer obra ou escritor que se contentasse em ser superficial, em produzir distrações de salão, banalidades⁸. A literatura participaria do que há de mais essencial na vida.

Em 1921 Lima Barreto escreve um artigo – a princípio, um texto a ser lido como conferência – intitulado “O destino

7 Entretanto, com isso não se imagine que nenhum jornal o tenha levado em consideração. Houve sim notícia do seu segundo romance; mais ainda, críticas positivas, simpáticas. Dando novamente voz ao próprio Lima Barreto, numa nota anterior de seu *Diário íntimo*, em março de 1916, assim se exprime: “Meu livro, o *Policarpo*, saiu há quase um mês. Só um jornal falou dele três vezes (de sobra). Em uma delas, Fábio Luiz assinou um artigo bem agradável...” (BARRETO, 1998, p. 126). Na sequência da anotação, o autor se refere ao fato de seu romance ter saído às vésperas do Carnaval – festa que mobilizava a atenção de todos –, e que, logo após o final da festa, Portugal teria declarado guerra à Alemanha, concentrando novamente toda a atenção da imprensa. Enquanto isso, nada de tempo para se debruçar sobre o *Policarpo*...

8 Em 1905 ele comenta no *Diário íntimo* acerca do que para ele era uma deletéria influência dos portugueses sobre nossos literatos. Entre os escritores brasileiros, “não há dentre eles um que conscienciosamente procure escrever como o seu meio o pede e o requer, pressentindo isso na tradição dos escritores passados, embora inferiores. É uma literatura de *concetti*, uma literatura de clube, imbecil, de palavrinhas, de coisinhas, não há neles um grande sopro humano, uma grandeza de análise, um vendaval de epopeia, o cicio lírico que há neles é mal encaminhado para a literatura estreitamente pessoal, no que de pessoal há de inferior e banal: amores ricos, mortes de parentes e coisas assim” (BARRETO, 1998, p. 63).



o escritor deve ser sincero,
radicalmente fiel ao *destino da
literatura*, ao seu dever maior de
elevação do humano, atijando
nos espíritos a solidariedade e a
compaixão recíproca

da literatura”. Tal escrito indubitavelmente serve como suma e testamento da percepção barretiana da literatura. Nele resta esclarecido quais as influências teóricas subjacentes à visão artística do romancista carioca, a saber, Leon Tolstoi, Jean-Marie Guyau e Hippolyte Taine. Perguntas fundamentais, tais como “o que é a beleza?”, “qual a missão da literatura?”, são limpidamente respondidas. Ficamos sabendo que o mais importante não está “na forma, no encanto plástico”, mas no caráter intrínseco, na substância; isto é, na força expressiva de um “certo e determinado pensamento de interesse humano”. Pensamento que se transfaz em sentimento, o qual, pelo poder de contágio inerente à literatura, concorre para a harmonia entre os homens, a solda das almas, o mútuo amor entre as pessoas⁹.

José Veríssimo, o grande crítico do começo do século XX, fez uma análise elogiosa dos primeiros capítulos do *Isaías Caminha* publicados na Floreal. Lima Barreto fez-lhe uma visita de agradecimento, da qual o que mais calou em seu espírito fora a observação de Veríssimo sobre a importância da sinceridade do autor. Nada, talvez, poderia coincidir mais com os próprios pressupostos de Lima Barreto sobre a literatura¹⁰. Literatura, aquilo em que apostou toda a sua vida, até os últimos dias; como ele mesmo afirmou, “com quem me casei”. Antes de qualquer outra qualidade, o escritor deve ser sincero, radicalmente fiel ao *destino da literatura*, ao seu dever maior de elevação do humano, atijando nos espíritos a solidariedade e a compaixão recíproca. Evidentemente que, para cumprir tal missão, requer-se

9 Cf. Lima Barreto (1998, p. 384-395).

10 Cf., entre outros textos: o prefácio “Amplius”, de *Histórias e sonhos* (BARRETO apud PRADO, 2012, p. 33); a nota de 5 de janeiro de 1908 em *Diário íntimo*; e, finalmente, a crônica “Literatura militante”, de *Impressões de leitura*.

plena capacidade de comunicação, de fazer-se entender para tocar o coração do outro¹¹. Não é à toa a defesa barretiana de uma linguagem literária não rebarbativa, não empolada; e, inversamente, sua negação veemente da gramatiquice, dos maneirismos, do culto ao dicionário.

Ora, eis aqui o despontar de um paradoxo. Ser sincero, ou seja, fazer literatura militante, engajada, isto é, corresponder ao essencial da arte, implica ser totalmente livre, não fazer concessões, não negociar – por exemplo – com editores, críticos e imprensa, e, portanto, se necessário for, assumir o risco de ser barrado pelo instituído (academias, mandarinatos, jornais e revistas), tornando-se marginal; ser combatido pelos silêncio e indiferença dos mais fortes no campo das letras. Mas, como conseguir se comunicar, concorrer para um maior entendimento entre as almas, sendo preterido pelas principais formas de mediação da obra literária entre autor e público?

Beatriz Resende (1983) corrobora o diagnóstico por meio do qual atestamos que, a partir já de seu primeiro livro publicado, Lima Barreto instaura um litígio sem volta com o “poder cultural”. Todavia, a autora sublinha dessa circunstância o resultado que, através de sua lente, faz luzir apenas aspectos

positivos, a saber, a independência do autor e intelectual, cujo percurso continuará “ligado às classes populares”, sem se deixar cooptar. Isto é, pretende-se concluir que desde sempre Lima Barreto fizera uma opção acertada “pela marginália”. Julgo que tal mirada carece de ser mais nuançada.

É o próprio escritor de *Numa e Ninfa* que propugnará em *Impressões de leitura* – peça do seu repertório na qual se condensam suas ideias sobre crítica literária –, comentando acerca de uma tirada de um desconhecido poeta, Melo Leite:

A poesia, a arte, é uma instituição social; ela surge da sociedade para a sociedade. O poeta, seja rico ou pobre, feliz ou infeliz, o seu primeiro dever é comunicar-se com os outros e dizer-lhes a que vem e para o que vem; e não é possível fazer tal coisa sem publicar-se e não é possível imprimir-se sem transigir. (BARRETO apud PRADO, 2012, p. 72, grifos nossos).

A ação irrecorrível traduz-se e é sintetizada na escolha do verbo: transigir. Pois se são famosas as diatribes barretianas contra Coelho Neto, figura da *Belle Époque* literária nacional que simbolizou para Lima Barreto a cultura flácida, desinteressada, elitista¹²; se seu julgamento fortemente depreciativo de um autor como Oscar Wilde¹³ advém do mesmo veio de que provém sua crítica em

11 “O sentimento barretiano aqui é um desejo ardente de comunicar uma ideia, ou ideias, à humanidade e pela humanidade” (OAKLEY, 2011, p. 5).

12 “O Sr. Coelho Neto, que surgiu para as letras nas últimas décadas do século XIX, não se impressionou com as mais absorventes preocupações contemporâneas que lhe estavam tão próximas. As cogitações políticas, religiosas, sociais, morais, do seu século, ficaram-lhe inteiramente estranhas [...] a literatura do Sr. Coelho Neto ficou sendo puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada nos círculos dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro” (BARRETO, [201?], p. 45-46).

13 Quanto a Wilde, “Ele é um mascarado que enganou e explorou toda uma sociedade, durante muito tempo, com arremedos, trejeitos e poses de artista requintado. Queria distinções e dinheiro” (BARRETO, [201?], p. 45-46).

relação a Coelho Neto; ou seja, se era, enfim, inadmissível para Lima Barreto que estes (e tantos outros) autores tivessem vestido a túnica de Nessus da sociedade, deixando-se corromper pela fatuidade burguesa, também é inegável a efetividade do drama por que passou nosso autor, padecendo por anos da falta de um editor e do desdém renitente de parte da crítica e da imprensa.

Não raro lhe invadiu uma forte sensação de abatimento, de estar sendo vencido, de lhe faltarem os meios para concretizar devidamente sua missão como um sacerdote literário. E foi, como é bem sabido, desse fundo emocional abatido, esmaecido, que prorrompeu seu agudo mergulho melancólico, sua desistência falsamente resignada de se bater com mais ímpeto diante das dificuldades. Em 20 de abril de 1914, Lima Barreto deita no papel este plangente depoimento:

Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa outra e lá vem a melancolia. Que círculo vicioso! Despeço-me de um a um dos meus sonhos. *Já prescindo da glória, mas não queria morrer sem uma viagem à Europa, bem sentimental e intelectual, bem vagabunda e saborosa*, como a última refeição de um condenado à morte (BARRETO, 1998, p. 119, grifos nossos).

Mesmo para alguém tão despojado quanto Lima Barreto, não lhe escapa a sedução da glória (!) e de uma boa viagem...

LITERATURA E MILITÂNCIA: O QUE MAIS IMPORTA? LIMA BARRETO HOJE

Aludimos acima à existência de dois principais fatores que se deve obrigatoriamente levar em consideração para se compreender a recepção inicial de Lima Barreto. O primeiro deles expusemos fartamente: sua estratégia contraditória de chocar e ser aceito; de repelir o instuído e ser acolhido por ele; de pensar, enfim, a si próprio como uma mistura paradoxal de iconoclasta e ídolo bem-amado, largamente acolhido. Todavia, convém destacar ainda o segundo fator – o de uma composição literária falha, inconstante, suscetível a críticas justas. Tal inconsistência na composição, marca do *Isaias Caminha*, é aceita pelo próprio autor¹⁴ e será assinalada por aqueles que se debruçaram sobre o livro logo após seu lançamento.

Com isso dito, chegamos a outro ponto importante a ser desvelado sobre a caminhada literária de Lima Barreto: como, efetivamente, a crítica de seu tempo o tratou. Concordando com Otto Maria Carpeaux, Francisco de Assis Barbosa reforça que o autor não foi “desprezado em vida”:

A crítica contemporânea não se omitiu diante da obra do romancista: João Ribeiro, Medeiros & Albuquerque, Oliveira Lima, Nestor Victor, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco (quantos mais?) todos escreveram sobre os seus livros (BARBOSA, 1975, p. IX).

Apressamo-nos em adicionar, de cara, mais dois nomes, dois críticos, que se detiveram a analisar seus trabalhos: o

14 Cf. nota 6.



Isaías Caminha não fora apenas um livro-bomba, cáustico, cuja sátira é levada ao paroxismo; é forçoso dizer ainda que a obra carece de maior força romanesca, titubeia em seu desenvolvimento

primeiro, já tratado neste ensaio mais de uma vez, é ninguém menos que José Veríssimo, o qual dispensa maiores apresentações; o segundo, o editor e escritor Monteiro Lobato. Contudo, no tocante ao seu início, início que tanto marcou seu nome e reputação, cumpre afirmar que *Isaías Caminha* não fora apenas um livro-bomba, cáustico, cuja sátira é levada ao paroxismo; é forçoso dizer ainda que a obra carece de maior força romanesca, titubeia em seu desenvolvimento. Sintomática desse aspecto é a crítica a ela dedicada por Alcides Maia, pessoa por quem Lima Barreto nutria muita admiração, sendo a ele atribuída, inclusive, uma influência decisiva na feitura final da trama, que levou o autor até mesmo a remodelar a personagem principal. O juízo formado por Alcides Maia – o

segundo crítico a tratar do livro recém-chegado – é bastante similar àquele que tivera Medeiros & Albuquerque: o romance tem o grave defeito de ser apenas uma confissão¹⁵.

Temos registrado, até aqui, alguns aspectos precípuos para o entendimento da primeira recepção de Lima Barreto: a opção em sua estreia por uma obra de ataque feroz, satírica, *à clef*; sua disposição marcadamente anti-institucional (contrária aos jornais, à Academia Brasileira de Letras, à crítica literária conhecida etc.); e, por fim, sua inclinação, justificada em nome da militância, por publicar uma obra confessadamente malfeita, desequilibrada, com sérias falhas composicionais.

Chega a vez, então, de se indagar: como explicar a quase unanimidade

15 Citamo-lo a partir de Barbosa: “Não era um romance, mas uma ‘verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios’. E mais adiante: ‘O volume, vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das secções livres que do prelo literário’” (MAIA apud BARBOSA, 1975, p. 177). É fundamental observar que a estima de Lima Barreto por Alcides Maia era recíproca. O crítico guardava pelo escritor um respeito sincero, afeição.

quanto a Lima Barreto nos últimos anos? É qualificado mesmo de gênio – predição que é propalada por díspares estudiosos e intelectuais, de Jorge Amado (2011) a professores universitários como Davi Nunes (2016).

O que ressalta na nova recepção do autor de *Cemitério dos vivos* é o caráter de resgate, de dívida pública a ser expiada e saldada em favor do escritor “mulato e pobre”. Mais do que qualquer outro traço, os qualificativos saudados e entusiasmaticamente alardeados de Lima Barreto são sua condição de pobreza, acentuada sobretudo por ter sido ele arrimo de família, sua marginalidade social, e sua negritude. São tais aspectos o que leva – não digamos a todos, evidentemente – a maioria de seus atuais admiradores a alimentar frente à sua obra uma postura frouxa, entre arrebatada e/ou condescendente.

Tal atitude é lamentável e indigna da força e merecimento devidos, sem favor, a Lima Barreto. Efetivamente Lima Barreto é autor de uma obra irregular. Como já insistentemente aludido neste ensaio, seu *Recordações do escrivo Isaias Caminha* oscila entre um romance de denúncia social (com intenso teor de exposição do racismo brasileiro), em seus primeiros capítulos, bem-estruturados e densos, e um panfleto anti-imprensa, nos capítulos posteriores, nos quais o personagem principal flutua um tanto obliquamente. *O triste fim de Policarpo Quaresma*, saído em jornal como folhetim, é muito mais bem-acabado, inteiro,

bem-resolvido composicionalmente. Em *Numa e Ninfa*, outro folhetim, assistimos novamente a um recuo na qualidade artística, para, por fim – e se restringindo apenas aos seus romances –, voltarmos a ler um Lima Barreto que acerta com mais vigor em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*¹⁶. Em todas as obras, para além de sua maior ou menor consistência estrutural, persistem sua virtude satírica, seu aguçado faro para a crítica, sua observação ampla dos tipos e costumes da vida urbana contemporânea.

A força com que se vivenciam hoje os desdobramentos dos estudos culturais, para os quais “O intento é ressocializar e rehistoricizar (sic) a grande arte, tornada abstrata nas mãos das elites, *bem como promover as manifestações das classes populares e das minorias a um estado de dignidade cultural que não lhes é concedido*” (BORDINI, 2006, p. 14, grifos nossos), tem acarretado certo exagero, já denunciado, inclusive, por muitos: o elogio condescendente e populista¹⁷.

Conquanto pareça hoje irresistível o argumento segundo o qual a literatura – e a crítica literária – seja um segmento, e apenas mais um, no amplo espectro daquilo que desde Michel Foucault vem sendo chamado de “práticas discursivas”; e conquanto se reconheça, na linha argumentativa desenrolada por Terry Eagleton (1997), que estamos desde sempre, ao exercer o mister literário (incluindo, aqui também, a teoria e a crítica), pisando o terreno do político;

16 Baseio-me, nesta breve suma apreciativa do conjunto romanesco do autor, nas palavras de Monteiro Lobato, seu editor no final da vida (LOBATO, 2009, p. 48).

17 Cf. Maria Elisa Cevalco (2003).

“

que façamos justiça ao autor,
 analisando sua obra, em seus
 méritos e defeitos, sem precisar
 escudá-la em perigosas
 vestes vitimárias

nem por isso assoma como uma verdade insofismável que aquilo que impregna de modo persistente o imaginário de uma cultura como “o literário” seja pura e simplesmente substituído por uma consciência militante “bem-intencionada”, a qual reduz todo e qualquer discurso a seu epílogo político.

Por fim, como tem afirmado Noé Jitrik, uma vez que seja qualquer texto uma interpretação da vida humana, é natural que a crítica o cobre por sua dimensão ética. O problema só vem à tona na medida em que se descaia para o denunciamento, tropegamente se deixando de discernir representação ficcional e realidade, tornando-se toda e qualquer vítima social em “herói cultural”. É o mau passo que devém com a militância totalitária¹⁸.

Voltando a Lima Barreto, e concluindo, sustentamos que a boa lição de Antonio Candido continua de pé. É necessário na análise crítica compreender como o elemento social – a crítica, a denúncia – se filtra e se transfigura em fator artístico, na rica conjunção do *externo no interno* (CANDIDO, 1967). É possível dizer que Lima Barreto poderia ter uma recepção mais ampla, de maior repercussão? Sim. Mas nem lhe faltou de todo a crítica contemporânea, nem os senões que recebeu derivam apenas de sua condição de negro e pobre. É possível alargar sua fortuna crítica? Claro. Possível e desejável. Contudo, que façamos justiça ao autor, analisando sua obra, em seus méritos e defeitos, sem precisar escudá-la em perigosas vestes vitimárias.

18 “[...] la literatura, como es obvio, desaparece, deja de ser ella misma un registro crítico del todo social, cosa que se le atribuía en virtud de lo que era capaz de crear, es desacralizada en lo que tiene de incognoscible para convertirse en un mero punto de partida para describir y definir un asunto grave e tomar posición frente a él y, sobre todo, en relación con sus productores. Se produce, en este punto, una exasperación hermenéutica, el asunto tapa su formulación, en todo lo que se mira se ve el asunto y no más ni su proceso ni la autonomía relativa del código que lo vehiculiza” (JITRIK, 2000, p. 37-38).

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 5. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1975.
- BARRETO, Lima. *Marginália*. Belém: Universidade da Amazônia, [201?]. Disponível em: <<http://www.letraseletras.com.br/home/livros/categorias/autores/lima-barreto/margin%C3%A1lia.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2017. Contém o texto de *Impressões de leitura*.
- _____. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.
- _____. Apresentação. *Floreal*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3-7, 1907.
- BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 11-22, set. 2006.
- BOSI, Alfredo. Introdução: figuras do *eu* nas recordações de Isaiás Caminha. In: BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CARVALHO, Maria Rezende de. Três pretos tristes: André Rebouças, Cruz e Sousa e Lima Barreto. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, jan./abr. 2017.
- CASTELLO, J. A.; CANDIDO, A. *Presença da literatura brasileira*: do romantismo ao simbolismo. São Paulo: DIFEL, 1974.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura*: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- JITRIK, Noé. Estudios culturales/estudios literarios. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço de L. (Org.). *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Globo, 2009.
- MARTHA, Alice Áurea Penteado. Lima Barreto e a crítica (1900-1922): a conspiração do silêncio. *Acta Scientiarum*, v. 1, n. 22, p. 59-68, 2000.
- NUNES, Davi. Lima Barreto: um gênio negro e o reconhecimento tardio. In: GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. *Portal Geledés*. 16 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/lima-barreto-um-genio-negro-e-o-reconhecimento-tardio-por-davi-nunes/#gs.QA4PCnY>>. Acesso em: 23 jun. 2016.
- OAKLEY, R. J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto*: uma autobiografia literária. São Paulo: Editora 34, 2012.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto: a opção pela marginalia. In: SCHWARZ, Roberto. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 73-79.
- RIEDEL, Dirce Cortes. *Viver literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

